



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 3 - Ano 2 - Nº 3 - Janeiro / 2014

ISSN 2317-8612

6 – Entrevista com o Dr. Shintaro Umehara

Foi Presidente do Centro de Pesquisas Espirituais do Japão
e professor da Faculdade Motoyama de Ciências do Homem, fundada por Hiroshi Motoyama

Nascido em Tóquio em 1939, pós-graduado em Filosofia da Ciência pela Universidade Keiyou, mestre em xintoísmo pela Universidade Kokugakuin, doutorou-se em Filosofia pela Universidade do Sul da Califórnia (EUA). Realizou pesquisas espirituais durante cerca de vinte anos na Associação Japonesa da Ciência do Espírito, foi editor da revista **Pesquisas Espirituais**, desta Associação. Criou uma rede internacional para estudos espirituais, da qual foi presidente. Por ocasião desta entrevista, ele era presidente também do Centro de Pesquisas Espirituais do Japão, e professor da Faculdade Motoyama de Ciências do Homem.

No seu livro **O Outro Mundo** teve a rara felicidade de discutir comparativamente o conceito de *outro mundo* nas religiões ocidentais desde o antigo Egito até 1995, quando foi feita esta entrevista. O Dr. Shintaro Umehara faleceu em 7 de Abril de 2009.

Entrevista realizada por Celeste Carneiro e Gildemar Santos, em setembro e outubro/1995 - Salvador-BA.

Pergunta: O que faz o Centro de Pesquisas Espirituais do Japão?

Resposta: Estuda o xintoísmo, a antroposofia, a teosofia, o espiritualismo, o espiritismo, a parapsicologia com suas pesquisas psíquicas, a psicologia transpessoal, o ocultismo, o exoterismo e o *koshinto*. Convida pessoas que são autoridade nesses assuntos para fazer palestras. Eu, em particular, faço palestras sobre espiritualismo, espiritismo e parapsicologia.

P.: O que é *koshinto*?

R.: É uma atividade do xintoísmo que consiste em conversar com os Espíritos através de um médium.

O xintoísmo, através do tempo, foi se modificando. Atualmente está mais ligado a festivais populares. O *koshinto* é uma coisa mais do início do xintoísmo, tem relação com o xamanismo, é muito antigo, mas ainda hoje existem pessoas que realizam essa atividade.

Pela visão xintoísta, o Imperador é como se fosse um médium e a pessoa que conversa com ele é o Primeiro Ministro. Historicamente tem essa visão.

Existe uma denominação em japonês chamada *saniwa* que é a pessoa encarregada de conversar com o Espírito incorporado. Não pode ser qualquer pessoa para conversar com os espíritos, só o *saniwa* tem essa tarefa. Não é a mesma coisa que "doutrinador" das reuniões mediúnicas espíritas, porque o doutrinador orienta espíritos necessitados, mas se você conversa com um espírito evoluído você não vai doutriná-lo. Acreditava-se que o Imperador era a representação de Deus. Quando Deus se manifestava por meio do Imperador transmitia sua mensagem ao Primeiro Ministro, que no caso seria o *saniwa*. O médium ao estar incorporado não tem consciência, então o *saniwa* escuta e depois transmite o que o Espírito fala. Também é a pessoa que, ouvindo a conversa do Espírito, discerne se é um Espírito bom ou

mal. O médium gasta muita energia e o *saniwa* fornece a força de que ele precisa.

É uma coisa que tem mais de dois mil anos. Originalmente essas duas atividades estavam interligadas, os festivais e o *koshinto*.

P.: Por que Instituto de Ciência Espiritual ou Ciência do Espírito?

R.: Porque normalmente nos estudos existem as Ciências Naturais e as Ciências da Mente, como por exemplo a metafísica e a psicologia, mas, tomando no sentido que Aristóteles colocava, a metafísica e a psicologia seriam as ciências que vão dos anjos para Deus. Em contraposição a isso estão colocando essa matéria, que é a Ciência do Espírito, porque na verdade antes do anjo tem o Espírito. Quando falo em Ciência do Espírito ou Ciências Espirituais, estou abrangendo a antroposofia, a teosofia, o espiritualismo, pesquisas psíquicas ou parapsicologia e psicologia transpessoal. Também o *koshinto*, que é essa atividade do xintoísmo, e, se ampliar um pouco mais, entra também o ocultismo e o exoterismo.

P.: Como surgiu a idéia de criar esse Centro de Pesquisas Espirituais?

R.: Antigamente eu fazia parte de uma outra instituição que era mais concentrada em meditação zen-budista. Essa instituição publicava uma revista chamada *Pesquisas Psíquicas (ou Parapsicológicas)*, da qual eu era o editor. Fazia também o papel de *saniwa*. Nesse grupo comecei a estudar espiritualismo, mas aí percebi que espiritualismo somente, da maneira como eu vinha estudando, não era suficiente. Se quisesse fazer um estudo realmente objetivo precisaria estudar todas essas áreas que já citei antes para ter uma visão geral. Com a idéia de ampliar o leque de estudos, acabei me afastando dessa instituição.

Recebendo a influência do movimento *new-age* que começou na Califórnia, tive a idéia de formar uma espécie de Rede Internacional do Mundo Espiritual englobando várias instituições do mundo todo com o objetivo de realizar esses estudos.

A partir de 1980 houve um interesse muito grande com relação aos temas espirituais. Foi um número enorme de gente que apareceu querendo saber sobre esse assunto. Então, se você faz uma atividade

muito estreita, muito bem definida, não consegue absorver esse interesse todo. Vi que era necessário uma atividade mais ampla, inclusive fazer experiências parapsicológicas de uma forma mais simples, sem essa formalidade toda, que as pessoas pudessem observar, porque, partindo de experiências mais simples vai despertando o interesse das pessoas mais distraídas para as questões do mundo espiritual e, com o tempo, elas vão se aprofundando. Isso pode levar para o conhecimento mais profundo.

Minha idéia era formar uma rede de várias associações no mundo todo, interligadas, mas por enquanto só estamos tendo atividades no Japão, estudando *new-age*. Por todo o mundo tem grupos interessados nessa área, aí, pouco a pouco...

P.: Rudolf Steiner, criador da Antroposofia e Helena Blavatsky, da Teosofia, são muito conhecidos no Japão?

R.: Não são tão conhecidos assim não. Quem tem interesse por pesquisas espirituais em geral os conhecem. Seus livros estão sendo bem vendidos ultimamente.

P.: Como se realizam os trabalhos do Instituto?

R.: Pelo menos uma vez por semana nós nos reunimos. Duas a três vezes por mês convidamos pessoas para fazerem palestras. Ultimamente temos mudado um pouco o rumo dessas atividades. No princípio pensei em fazer uma coisa muito ampla, mas estou vendo que para a sociedade japonesa isso é muito difícil, então penso em fazer uma atividade bem pequena, contanto que possa mostrar meu ponto de vista sobre o espiritualismo. Acredito que o meu tempo de vida não dê para fazer tudo o que quero, vou precisar reencarnar várias vezes para fazer esse trabalho, então me concentro em pensar sobre esses assuntos, apresentar aos outros para discutirmos e escrever para poder deixar alguma coisa mais profunda para quem quiser ler.

P.: Qual a frequência das pessoas a essas reuniões?

R.: De vinte a oitenta pessoas, conforme o tema das palestras. A depender do assunto abordado muda o tipo dos frequentadores. Porém, existe um grupinho que é fiel, que vai a todo tipo de palestra. Às vezes chamamos médiuns para falar.

P.: Existem muitos médiuns trabalhando com mediunidade no Japão?

R.: Sim, mas isso não quer dizer que todos eles sejam verdadeiros. É um problema que estou enfrentando agora, que me deixa em dúvida.

P.: Eles trabalham igual aos médiuns norte-americanos que fazem sessão pública de clarividência e cobram por esse trabalho?

R.: Tem esse tipo de atividade, mas o médium japonês logo se liga a alguma religião. Quanto à autenticidade dos médiuns, o Brasil e a Inglaterra estão me deixando com inveja.

Já que o Imperador era considerado médium, então, em princípio, a mediunidade é respeitada. Mas, de uma forma geral, com a gente comum, acaba virando um comércio praticado pelos benzedores ou rezadeiras. Alguns não cobram nada. Quando cobram reduz o nível dos médiuns, mas isso não quer dizer que todos façam essa prática, que seja todo mundo de baixo nível. Existem, é claro, sempre os médiuns excelentes.

P.: Você tem alguma faculdade psíquica mais evidente?

R.: Os médiuns falam muito que tenho, mas eu não percebo. No sentido de que todo mundo é médium, sim, mas não tenho nada de especial.

P.: Você deve ser médium de inspiração, o que lhe ajuda a escrever, a realizar esses trabalhos...

R.: Talvez nesse sentido sim, mas nunca pensei que fosse mediunidade não. Geralmente, ao acordar, costumo escrever e aí vem claramente o que precisa ser escrito. Não sei porquê, em geral é muito comum os médiuns também me usarem como *saniwa*.

P.: Você trabalha com energia de cura utilizando as mãos? Tem alguma experiência?

R.: Tenho sim, com sucesso, mas não me considero uma pessoa apropriada para me dedicar integralmente a esse tipo de atividade. Se aparecer um médium e me disser que preciso fazer esse trabalho, tudo bem, mas não sinto ainda o impulso necessário para realizar essa tarefa. *(Todos os médiuns com quem ele conversou aqui no Brasil, especialmente na Bahia, lhe falaram de seu enorme potencial de energia e da necessidade dele se dedicar à cura)*

P.: Você já tem trabalhos publicados?

R.: Sim. Escrevi o livro **O Outro Mundo**, que é uma tese de doutorado, e, juntamente com alguns amigos traduzi e editei cinco obras: **Spirit Teaching**, de Stanton Moses; **Road to Imortality** e **Beyond Human Personality**, de Gerald Cumming; **Mediunity of Jacques Evans** e **Spirit Healings**, de Harry Edward e **The Higher Spiritualism**, de John Lenard.

P.: De que trata o seu livro **O Outro Mundo**?

R.: É centrado no monoteísmo semítico. No judaísmo, no cristianismo, no islamismo. Eu separo em dois tipos de *outro mundo*: o divino e o humano. O *outro mundo* humano é onde ficam as pessoas que morreram.

Esse monoteísmo semítico, dessas religiões citadas, não aceitam a idéia de haver um outro mundo humano e isso é muito forte. O ocidental, de um modo geral, não se dá conta disso.

O *outro mundo* divino é onde Deus está. Tentei fazer essa separação.

Quero deixar claro que o *outro mundo* dos humanos não é só o lugar para onde as pessoas vão depois da morte, porque antes de nascer também já existiam... Nessas religiões monoteístas, em geral existe o *outro mundo* dos humanos, mas de uma forma muito tênue. Por exemplo, o catolicismo: quando as pessoas morrem vão pro céu. E o que é que fazem no céu? Ficam cantando, rezando, não é? Se for para uma religião filipina, ficam dançando. Não ficam numa atividade tipicamente humana, deste mundo. E são proibidas de ter comunicação com o mundo dos vivos, dos encarnados, pois se tiverem, são consideradas como sendo o diabo que está falando e não um espírito.

A razão disso acredito que esteja no judaísmo, porque para essa religião os médiuns deveriam ser mortos e essa tradição permaneceu muito forte.

P.: Mas no tempo de Moisés havia muita manifestação dos espíritos e devido aos abusos ele proibiu a comunicação entre os mortos e os vivos. Mesmo assim, haviam os profetas que vieram após ele e tinham contatos com o mundo espiritual e determinada categoria de pessoas, como os sacerdotes e sacerdotisas, que se comunicavam com os espíritos...

R.: Não sei exatamente qual seja o motivo dessa proibição, mas acho que pode ser uma certa reação contra os egípcios, porque o Egito era considerado o país dos mortos, por serem eles muito cultuados. Havia o culto a Osíris, as pessoas depois de mortas sentiam muita felicidade, enquanto que no judaísmo não, quando as pessoas morriam tinha o *sheol* que era o mundo dos mortos dos judeus. Existia um buraco onde os espíritos após a morte eram lançados e ficavam esperando até o dia que o mundo acabasse. Depois foi que surgiu o inferno. Não tem um mundo de felicidade. Já no Egito tem esse outro mundo humano, com tudo o que costumamos fazer enquanto vivos na Terra. Os judeus saíram do Egito e a tendência era negar tudo o que pertence ao Egito.

P.: Qual é a atividade que você faz junto a Motoyama?

R.: Dou cursos na Faculdade criada por ele. Nossas idéias coincidem muito.

Motoyama é mais do que um médium. É um místico extraordinário. Um médium de nascença, que brinca com Deus; brinca no sentido de se divertir. A mãe dele foi fundadora de uma religião e ele seria o seu sucessor, mas aí se interessou mais pela parapsicologia. É doutor em literatura. Com o objetivo de unificar a ciência e a religião, aprofundando estudos nessa área, foi para os Estados Unidos e lá na Califórnia fundou uma Faculdade com o curso de pós-graduação em Ciências do Homem. Atualmente ele mora no Japão, onde instalou uma filial da Faculdade americana, que é onde dou aulas. Ele vai muito aos Estados Unidos lecionar, também pesquisa yoga, medicina oriental, acupuntura, moxa (técnica de tratamento que consiste em colocar algo quente nos pontos de acupuntura), mas se dedica mais a acupuntura e a pesquisa. Desenvolveu uma máquina para medir os chakras. No Instituto de Motoyama são publicados boletins e relatórios das atividades realizadas.

P.: O livro de Motoyama **Teoria dos Chakras** tem sido muito aceito. Ele tem novos livros publicados?

R.: Ele está realizando experiências com controle científico para estudar os chakras. Uma dessas experiências consiste em colocar uma pessoa numa caixa totalmente

isolada, e medir a radiação de luz azulada emitida pelo chakra solar dessa pessoa.

P.: Essa máquina para medir os chakras só ele pode usar?

R.: Qualquer pessoa pode usar. Aperfeiçoaram-na e está sendo muito usada na Europa. O resultado independe de quem usa a máquina.

P.: Para as experiências com os chakras, só a máquina é suficiente?

R.: Antes da máquina acusar o resultado Motoyama já sabe o que vai dar.

P.: Ele usa o chakra e a energia para entender melhor a mediunidade?

R.: Certamente deve conseguir. O trabalho que Motoyama fez foi a partir da yoga e da experiência dele e, se englobar tudo, deve conseguir entender bem o processo da mediunidade. Ele próprio já é médium desde pequeno. Para ter um maior controle entrou na yoga. Fica em transe até por 24h. Coloca várias almofadas em torno dele para não cair ao sair do corpo. No início ele não lembrava do que acontecia, ao abrir os olhos, mas depois, com o seu desenvolvimento progressivo, passou a lembrar-se de tudo o que fazia fora do corpo.

Essa situação de não lembrar quando sai do corpo acontece no início dos exercícios de desdobramento. Depois a pessoa fica consciente todo o tempo, no corpo e fora do corpo.

A maioria dos médiuns só usa o chakra solar, mas devem ser usados todos e a energia divina deverá fluir livremente pelo coronário.

Num estado mais avançado o chakra coronário fica aberto permanentemente.

P.: Quais os chakras usados no xamanismo?

R.: Conforme o tipo de xamanismo usa determinado chakras. Os de mais alto nível usa os superiores.

P.: Tem outras pessoas trabalhando com ele?

R.: Sim. Ele chama pesquisadores americanos, dá bolsa de estudos.

P.: O que Motoyama está fazendo agora?

R.: Pesquisando parapsicologia, é líder espiritual da religião fundada por sua mãe e

dedica-se ao Instituto de pesquisas religiosas.

P.: No Japão há um interesse coletivo sobre espiritualidade?

R.: Os jovens vêm se interessando, mas não sabemos até que ponto esse interesse é duradouro e verdadeiro.

P.: Para encerrar, fale um pouco mais sobre o seu livro **O outro mundo**.

R.: O conceito do *outro mundo* está arraigado dentro da consciência e do corpo humano. Os informantes (médiuns, profetas, clarividentes), são os portadores deste conhecimento. O espiritualismo foi o liberador da visão do *outro mundo* como sendo coisas de possessos, e graças a essa liberação as religiões no futuro possuirão o conceito do *outro mundo* dos humanos como já foi explicado antes. Através da

intervenção do espiritualismo com suas ligações com a teoria da consciência, a visão ocidental de *outro mundo*, sob a influência do monoteísmo semítico, teve a oportunidade de juntar-se com a visão indiana de consciência universal ao nível de teoria de consciência, mas não parou aí: prosseguiu na sua busca de um *outro mundo* que acomode "fiscalidade" e persona. A visão espiritualista de *outro mundo* humano tem uma tendência a juntar-se com os cultos aos antepassados, mas isso é em parte uma manifestação de retorno às antigas raízes xamanistas.

De um modo geral, o monoteísmo semítico proverá as futuras religiões do mundo com o conceito de *outro mundo* divino e de persona; o leste indiano fornecerá a consciência universal e o antigo culto aos ancestrais contribuirá com a visão de *outro mundo* humano.



Rosa Giove, Jacques Mabit, Shintaro Umehara e Celeste Carneiro, num encontro memorável em out/1995. Agora eles se reencontram nesta Revista.